

RELATO DE EXPERIÊNCIA: USO DO ESPAÇO NÃO FORMAL COM UMA TURMA DE 6º ANO NO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA – MG

Cíntia de Oliveira Rezende¹, Samantha Priscila Silva Campos¹, Luisa Gomes de Almeida Vilardi²

¹Graduandas em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora

²Professora Substituta NEC/FACED/UFJF; Mestre em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ)

RESUMO

A escola já não é mais a única, nem mesmo a mais legítima fonte de formação e de informação como foi no passado, agora o conceito de espaços de aprendizagem se ampliou e são poucas as publicações que reflexionam sobre a educação para além do espaço escolar. Esse trabalho é um relato de experiência baseado em uma atividade realizada com uma turma do 6º Ano de uma escola municipal em Juiz de Fora em um espaço não formal. Tivemos a oportunidade de realizar esse trabalho graças a um projeto desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado II, onde é previsto que o estagiário faça o intermédio de alunos com algum espaço não formal, que nesse caso foi o Museu de Malacologia da UFJF. Essa experiência foi muito importante para a nossa formação como docentes, pois o retorno que tivemos dos alunos foi muito significativo e podemos concluir a grande importância de se trabalhar num espaço não formal, e que este pode proporcionar aos alunos o aprendizado que muitos acreditam ser fruto somente da escola.

PALAVRA-CHAVE: Espaço não formal, Museu de Malacologia, Relato de experiência.

INTRODUÇÃO

Assumir o conceito de educação a partir de uma perspectiva ampliada permite que as práticas pedagógicas se diversifiquem e apostem em aulas práticas que podem se concretizar para além do espaço da escola. Contudo, apesar de várias experiências serem sistematizadas no âmbito das instituições, ainda são poucas as atuações que se concretizam nos espaços não formais (TAVARES e SANTOS, 2010).

Tavares e Santos (2010) afirmam que *na sociedade contemporânea a escola já não é mais a única, nem mesmo a mais legítima fonte de formação e de informação como foi no passado, agora o conceito de espaços de aprendizagem se ampliou (ibidem, p. 13)*. Em função disso, o conceito de educação sofre mudanças, pois deixa de ser restrito ao processo de ensino-aprendizagem em espaços formais, se transpondo para diferentes e diversos segmentos da educação não formal. Abre-se, assim, um novo espaço para a educação: o campo da educação não formal.

O não-formal tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área de educação para situar atividades e experiências diversas, distintas das atividades e experiências que ocorrem nas escolas, por sua vez classificadas como formais.

Dentro dessa perspectiva de espaços não formais, há um grande destaque para os museus que são uma instituição permanente, sem fins lucrativos, que adquire, preserva, documenta, pesquisa e comunica para a educação e o lazer. Almeida (2010) aponta que *a partir do final do século XIX a missão educativa dos museus foi se ampliando, tomando-se, por vezes, sua razão de ser (ibidem, p. 50)*. Ainda de acordo com esta autora, os museus têm potencial para provocar uma experiência de aprendizagem que vai além da simples complementaridade do ensino escolar e que ocorre por meio de estratégias e métodos diferentes daqueles utilizados na escola, pois eles proporcionam experiências com objetos que, em si, podem gerar motivação, curiosidade e questionamento por parte do estudante.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência que ocorreu no âmbito da disciplina Estágio Supervisionado II. Tal disciplina tinha por foco levar os graduandos em licenciatura a ter uma vivência que se constitui na inter-relação entre escola e espaços não formais. O espaço não formal onde foi realizado o estágio foi o Museu de Malacologia Professor Maury Pinto de Oliveira que se encontra no campus universitário de Juiz de Fora. A escola

escolhida para tal experiência de prática no museu foi uma municipal de Juiz de Fora localizada próxima à Universidade e a turma era do 6º ano.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao propormos uma atividade no espaço não formal tínhamos como propósito mostrar para os alunos que a aprendizagem fora da sala de aula é possível e é motivadora. No entanto, compreendemos que esta iniciativa pode ser difícil de tornar-se comum nas escolas devido a dificuldades próprias do sistema escolar como, por exemplo, a falta de apoio institucional.

Nossa atividade foi realizada em três etapas. A primeira delas consistiu no contato inicial com os alunos que foi realizado em uma aula disponibilizada pela professora para que pudéssemos conversar e expor como seria o projeto. Nesse diálogo, falamos de como se daria a visita ao museu, da necessidade da autorização dos pais e conversamos sobre as expectativas dos alunos quanto à visita. Nesse momento inicial buscamos explorar, além do que mencionamos, quais alunos já haviam ido ao museu, se eles sabiam o que era um museu de malacologia, quais animais eram moluscos e onde eles eram encontrados, de onde viam as conchas encontradas nas praias, entre outros questionamentos que foram surgindo no decorrer da conversa. Os alunos foram bastante participativos e foi possível perceber que a maioria deles nunca tinham ido ao museu e, por isso ficaram entusiasmados com o nosso convite.

A segunda etapa foi à visita ao museu orientada por uma monitora bolsista. Do primeiro grupo que entrou para visitar o museu apenas dois alunos se dispersaram bastante e tivemos grande dificuldade em controlá-los. No segundo grupo, para nossa surpresa, pois estavam presentes os alunos mais indisciplinados da turma, os alunos não se dispersaram em momento algum e fizeram muitos questionamentos interessantes durante a demonstração. Além dos moluscos a monitora apresentou outros animais entre eles aves, répteis, peixes e artrópodes, esclarecendo para os alunos que esses animais não eram moluscos.

A terceira etapa foi a realização de uma gincana com os alunos a partir do que eles viram no museu. Para tanto, confeccionamos cinco jogos: o primeiro deles era um jogo de tabuleiro (ver fig.1) com perguntas referentes ao que os alunos tinham visto no museu; o segundo era um jogo da memória com imagens de moluscos e de animais que tinham sido vistos no Museu de Malacologia (ver fig.3); o terceiro era um jogo de mímica/desenho no qual os alunos escolhiam uma carta com o que deveriam desenhar ou fazer uma mímica para o seu grupo descobrir (ver fig.4), o quarto era dois quebra-cabeças (ver fig.2) - um para cada grupo e o quinto era um jogo para os alunos montarem o ciclo básico de transmissão da esquistossomose uma vez que esse assunto teve relevância durante a visita. Para produzir os jogos utilizamos materiais de baixo custo o que facilita a sua aquisição e (re)produção para trabalhar com os alunos.

Com relação ao desempenho da turma, ficamos muito surpresas, pois a desenvoltura dos alunos, no decorrer da gincana foi ótima, todos participaram e ficaram bem centrados, e sabiam responder questões que nós imaginávamos que eles poderiam sentir dificuldades. Podemos perceber o quanto é importante o trabalho no espaço não formal, pois os alunos saem da rotina de sala de aula e tem a oportunidade de aprender de forma diferente. Essa experiência não foi só importante para os alunos, mas também para nós, uma vez que aprendemos junto com esses alunos, vimos que o uso do espaço não formal auxilia no aprendizado.



Figura 1 : Aplicação do Jogo de tabuleiro



Figura 2: Alunos montando quebra cabeça



Figura 3: Alunos jogando o jogo da memória



Figura 4: Alunosfazendo desenhos para o grupo descobrir no jogo de mímica/desenho

Fotos: Samantha Priscila Silva Campos

Referências

ALMEIDA, A.M. Desafios da relação museu-escola. *Comunicação& Educação*, São Paulo, vol. 10, p. 50 a 56, set./dez., 1997. Acessado em: Julho de 2012.

Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4369/4079>

TAVARES, A.M.B; SANTOS, F.A.A. Educação social, pedagogia social e espaços não escolares: horizontes conceituais necessários para o acolhimento de sujeitos em risco na perspectiva do desenvolvimento humano. *Anais do Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica*, 2010. Acessado em: Julho de 2012.

Disponível em:

http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2010/Artigos/GT8/EDUCACAO_SOCIAL.pdf